

## EDITORIAL: TERCEIRO MUNDO OU SUL GLOBAL?

Paulo Fagundes Visentini<sup>1</sup>

Com o fim do sistema bipolar, o *mainstream* acadêmico das Relações Internacionais considerou que o conceito de Terceiro Mundo não possuía mais consistência teórica ou operacional, uma vez que os países do Segundo Mundo (socialistas) estavam se convertendo em “Democracias de Mercado”. A expressão Terceiro Mundo fora cunhada pelo demógrafo francês Alfred Sauvy, em 1952, como uma analogia com o Terceiro Estado (povo sem privilégios) da época da Revolução Francesa.

O Terceiro Mundo abarcava nações muito distintas, mas que possuíam em comum o fato de haverem constituído a periferia colonial ou semicolonial. Além de elementos objetivos como população jovem e em expansão e abundantes recursos naturais, seu limitado nível de desenvolvimento apontava para potencial expansão econômica e a articulação de organizações políticas como o Movimento dos Países Não Alinhados. Havia a busca do desenvolvimento, a ideologia anticolonialista e neutralista, além da rejeição à adesão a blocos militares e à política de grande potência.

Mais do que criar um modismo teórico, a introdução do conceito de Sul Global representou uma estratégia de despolitizar o significado do terceiro-mundismo. O Sul Global não se define por uma agenda positiva, mas negativa, pois, afinal, o Norte também não é Global? Assim, segundo o novo conceito não há sentido para a existência do Grupo dos 77 ou do Movimento dos Não Alinhados. Todos os Estados do Sul se diluiriam na globalização, sendo que as maiores nações gozariam do *status* de “mercados emergentes”.

Todavia, processo de desenvolvimento desigual e combinado, que faz parte da essência do sistema capitalista mundial, seguiu agindo. E, logo, surgiram iniciativas como o Fórum de Diálogo IBAS, a diplomacia autonomista

---

<sup>1</sup> Editor, Professor Titular de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenador do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT). E-mail: paulovi@ufrgs.br

e desenvolvimentista dos BRICS (com Rússia e China formando um Novo Segundo Mundo) e outras coalizões de geometria variável. O Movimento dos Não Alinhados seguiu existindo (e crescendo) e os 60 anos da Conferência de Bandung demonstraram a importância e a continuidade do terceiro-mundismo.

Daí as constantes críticas a qualquer referência aos movimentos ligados à Cooperação Sul-Sul, ao BRICS e ao mínimo questionamento das regras internacionais definidas pelas grandes potências do Atlântico Norte. Há uma crise e a globalização, para persistir como sistema, necessita evitar qualquer desvio de conduta dos demais Estados, por menor que seja. Políticos, militares, diplomatas, jornalistas e acadêmicos se defrontam com essa situação fomentada pela “comunidade internacional” (potências que falam em nome dos demais).

Apesar da negação da importância das regiões que integram o Terceiro Mundo/Sul Global, o que se observa nelas é uma disputa estratégica cada vez mais acirrada, que em edição anterior denominamos “Guerra Econômica”. Na América Latina os regimes progressistas surgidos nesse século se encontram sob forte pressão de potências e organismos internacionais. A África se tornou um campo de disputa entre governos e companhias euro-norte-americanas, por um lado, e os chineses e demais membros do BRICS, por outro. No Oriente Médio, os conflitos armados atingiram a dimensão de uma guerra generalizada, enquanto na Ásia ocorre a tentativa de formar blocos políticos, militares e econômicos.

Assim, essa edição da Revista Austral é dedicada a tais regiões, inclusive com um artigo da Professora Beatriz Bissio, que foi uma das editoras dos famosos Cadernos do Terceiro Mundo. Ele é muito relevante para que as novas gerações de estudiosos internacionalistas tenham conhecimento da concretude, atividades e complexidades de iniciativas terceiro-mundistas consagradas pela ONU, tais como a Nova Ordem Econômica Internacional e a Nova Ordem Informativa Internacional.

\*\*\*

Agradecemos o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS, através do Programa de apoio à Editoração de Periódicos (PAEP) para tradução, edição e impressão, bem como a toda equipe que trabalhou na edição e tradução, em particular às Assistentes de Edição Vitória Gonzalez e Isadora Coutinho, e ao *designer* Tiago Oliveira Baldasso. Agradecemos também à professora Cristiana Soreanu Pecequilo pela revisão da versão em inglês.